

# Solução inovadora para a pobreza nas favelas: *a moeda social*



# Índice

A favela .....	4
População empobrecida .....	7
Conhecendo o case .....	12
O sururote .....	20
Resultados inovadores .....	29

## **Equipe Técnica**

Conteúdo

**João Mendonça**

Revisão e Diagramação

**Iara Melo**

Fotos

**Marcos da Cruz**

**Marketing Boss**

**Mirelly Pereira**



**10 SURUROTES**



Está totalmente proibida a troca ou negociação desta moeda social por dinheiro. Ela só pode ser utilizada como meio de bonificação na aquisição de mercadorias e serviços em empresas parceiras conveniadas ao Banco Comunitário Laguna, com o valor de 10 Sururotes por 100 reais (dependendo) promove o desenvolvimento social, econômico e ambiental da comunidade.

Moeda Social Sururote por Marcos da Cruz

## a favela

A **desigualdade social** que ocasiona cenários de pobreza e miséria são vistos em todos os continentes do mundo. Porém, no **Brasil** ela ganha um significado maior por conta de todo o seu histórico, vinculado principalmente à época da escravidão.

Após quase 136 anos desde a abolição da escravidão, existem dados que comprovam que a pobreza tem cor e endereço: **de acordo com o IPEA**, a taxa de desemprego é quase 50% maior para pessoas negras, enquanto o índice de pobreza é 2x maior comparado a população branca.

Falando em endereço, é fácil notar que as regiões periféricas são constituídas, em sua grande maioria, por **indivíduos empobrecidos**, com quase nenhum acesso à educação, assistência e, no caso das metrópoles do Sudeste, compostas também por migrantes que deixaram suas raízes para trás no Norte e Nordeste.

E nessa onda de migração em busca de melhores condições, conhecida como êxodo rural, que aconteceu por conta da urbanização desordenada, no final do século XXI, surgiu no Rio de Janeiro a primeira favela do país.

Originado da planta homônima, o termo **favela** surgiu do Morro da Favela, passando a ser amplamente utilizado para designar um conjunto de habitações informais da década de 1920 até os dias atuais.

O **Observatório das Favelas** traz um dado importante nessa análise do que são as favelas atualmente e como isso está diretamente conectado ao seu surgimento.

De acordo com a pesquisa, a maior parte dos moradores das favelas brasileiras são **negros e indígenas**.

Com essa ideia em mente, estudiosos concluem que: as favelas brasileiras se tornam um símbolo de exclusão social de pessoas não brancas nos grandes centros urbanos.



Vergel do Lago por Mirelly Pereira



# População empobrecida

A partir dessa ótica, que existe uma fragilidade social que é herdada dos primórdios da fundação do nosso país, é possível observarmos algumas mudanças curiosas ao longo do começo do século XXI.

Com a chegada das **novas tecnologias**, globalização e programas de assistencialismo, muitas populações tiveram uma ascensão social e econômica, saindo da extrema pobreza e adentrando à classe média baixa.

O **Data Popular**, em sua pesquisa, diz que a classe média corresponde a 48% da renda nacional, somando cerca de 42 milhões de brasileiros.

Parte considerável dessa reconfiguração fundou-se no berço de favelas no país inteiro, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo. Apesar disso, a miséria e extrema pobreza ainda continua latente, contudo com um novo misto de características sociais.



Essa entrada de novos comércios, empresas e lojas nestes ambientes, até então inóspitos para essas instituições de maior porte, resultou em uma crescente de consumo. E essa relação de similaridade com esses novos comércios foi simétrica com os esforços por parte do estado em levar mais segurança a esses locais.

Em outras palavras, a população mais pobre entrou em um novo espiral, como pode ser notado na matéria do Geledes.Org:

**Dentro das favelas, também há empresas que geram milhões de lucro: em Paraisópolis, por exemplo, Casas Bahia, Bradesco, Santander, disputam espaço com pequenos comércios. No Rio de Janeiro, assim que foi instalada a Unidade de Polícia Pacificadora no Complexo do Alemão, em menos de um mês bancos, empresas de telefonia e de TV a cabo se instalaram no morro.**

Com esse montante que poderia estar circulando no território, logo foi percebido que ele não voltava para mão e bolso da própria população.

Ou seja, a **riqueza** que vem sendo gerada e trazida para a comunidade termina sendo **destinada para mais longe**. Este diagnóstico vem à tona graças a análises e observações territoriais, como explica a presidente do **Instituto Mandaver**, Lisania Pereira, que também é uma das responsáveis por implementar a **economia circular** no bairro do Vergel do Lago em Maceió:



**“ Ter esse olhar de forma comprovada através de uma pesquisa feita por uma empresa especializada, trouxe um misto de emoções. Primeiro a tristeza que saber que existe essa riqueza e que ela estava sendo migrada para outro lugar e sem ser usufruída pelos moradores do território; ao mesmo tempo uma alegria ao saber da potencialidade de produção econômica e geração de empregos do local. E dentro disso as possibilidades visualizadas para o território era o realinhamento entre demanda do mercado, as pessoas que produzem a riqueza, o ordenamento que ajudam no desenvolvimento do empreendedorismo e trilhas de conhecimento. ”**

E quando pensamos no impacto além da área econômica, a administradora e líder do Instituto comenta:

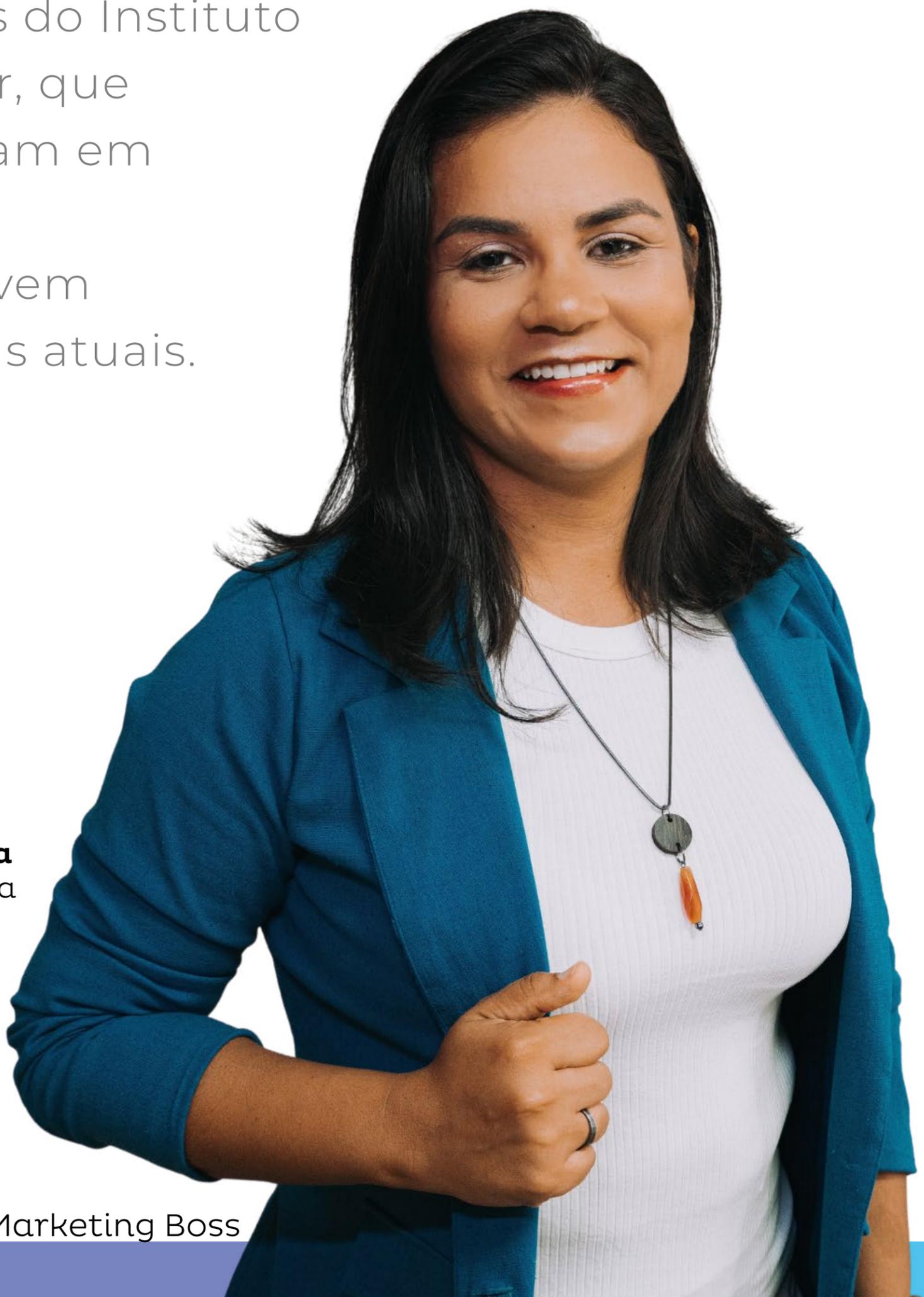
“É possível que outras frentes sejam empoderadas ou desenvolvidas. O território do Vergel (por exemplo) tem potencial turístico por conta do local em que é inserido e assim ser criadas soluções nessa frente; a parte de infraestrutura já está em fase de aprimoramento, atendendo a convivência social; e a questão educacional também, entendendo esse como um dos principais desafios no enfrentamento da pobreza.”

A economia circular se mostrou uma configuração interessante em busca de resolver problemas em abertos nas comunidades mais vulneráveis.

Juntou-se o diagnóstico econômico com características ambientais e logo a economia circular ganhou mais força a somar, também, um direcionamento de **sustentabilidade**, ou seja: a junção de uma economia que gira no território com processos ligados a reuso, transformação e reciclagem.

Vamos conhecer como esses pilares se juntaram, e com apoio da comunidade geraram **propósitos de transformação**, geração de renda e melhoria social e econômica. Isso aconteceu na **capital alagoana** a partir das ações do Instituto Mandaver, que começaram em **2019** e se desenvolvem até os dias atuais.

**Lisania Pereira**  
@lisaniapereira



## Conhecendo o case

O que seria do século XXI sem as novas tecnologias ocasionadas pelos avanços de engenharia da própria Web 2.0? Fato é que essas transformações mudaram o modo como visualizamos a tecnologia.

Muito além de computadores e celulares, criar tecnologias sustentáveis tem mais a ver com desempenhos criativos para a população do que propriamente novos conhecimentos de engenharia e computação.

Já falamos anteriormente do que se trata o **termo tecnologia social em nosso blog**, e vale a pena a ler na íntegra, principalmente para o melhor proveito desse material.

De qualquer forma, vamos lembrar que o termo tecnologia social a partir do conceito trazido pelo **Ministerio da Ciencia, Tecnologia e Inovação (MCTI)** do Brasil:

**O conceito (...) remete para uma proposta inovadora de desenvolvimento, considerando uma abordagem construtivista na participação coletiva do processo de organização, desenvolvimento e implementação, aliando saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico.**

Além disso, as propostas apresentadas por uma tecnologia social tem como base a **difusão de soluções** para problemas voltados a setores sociais de renda, educação, cultura, alimentação, saúde, habitação, igualdade de raça e gênero, dentre outras, como também aponta o MCTI.

A replicabilidade, ou seja, a possibilidade de replicar a tecnologia em outros territórios, de maneira igual a startups, assim como efetividade e ferramentas de inclusão social, são chaves importantes na construção desse tipo de tecnologia.

E essas características convergem para um propósito em comum: **melhorar a qualidade de vida das pessoas**, principalmente as que estão em vulnerabilidade social.

**Mas como uma tecnologia social pode casar com a economia circular que conversamos anteriormente?**

Essa é a solução inovadora que vem transformando o território do Vergel!

O **Vergel do Lago** é um bairro de Maceió que ficou conhecido regionalmente por dois fatores: a violência do bairro causada pela alta fragilidade social e a pesca do famoso marisco **Sururu**. Esse último é natural das costas da lagoa Mundaú e conquistou o título de **Patrimônio Imaterial de Alagoas**, demonstrando a sua importância gigantesca no campo cultural e econômico do estado nordestino.



Sururu por Mirelly Pereira

Mesmo sendo uma iguaria, os pescadores, que em sua grande maioria se constitui de indivíduos sem formação, como também as marisqueiras, conhecidas por serem catadoras do Sururu que limpam e tratam o marisco, **não conseguem mínima ascensão social-econômica** com a pesca e venda.

De acordo com levantamentos realizados, **52% da população só tem o Ensino Fundamental** e a renda média por família para mulheres chefes de família é cerca de **R\$ 500,00**.

Toda essa estrutura que envolve a comunidade é conhecida como **Cadeia produtiva do Sururu** e envolve diversos setores e camadas sociais. Famílias são geradas e sobrevivem através dessa estrutura circular de pesca, tratamento e revenda como commodity para mercados internos e externos.

Ou seja, o Sururu vai “ganhar” seu valor fora da Cadeia que existe dentro dessas comunidades, desvalorizando a mão de obra.

Além de não criar riqueza no território, há uma questão grave nessa estrutura de despincagem e venda do Sururu: o **descarte da casca.**

Era possível encontrar montes de cascas do mariscos que ficavam acumulados em toda a região da orla da Lagoa, à ceu aberto, atraindo animais.

Esse acúmulo causava consequências diretas à saúde, bem-estar dos moradores e ao próprio trânsito do bairro.

E nesse cenário de fragilidade social, dependência econômica de um recurso natural (o sururu) e a questão de **impacto ambiental** que uma tecnologia social específica foi idealizada como solução, a moeda social.



Casca de Sururu por Marcos da Cruz

## O Sururote

A ideia da **moeda social** veio para **garantir** que a riqueza gerada pela comunidade fique **circulando dentro do território**. E não existe moeda sem banco, então assim surgiu também, em conjunto, o **Banco Social Laguna**. Essas duas tecnologias sociais, juntas, seriam as responsáveis por garantir mudanças profundas no bairro do Vergel do Lago.

Anteriormente já falamos sobre o Banco Laguna em **nosso blog**, explicando seu surgimento, propósito e atuação. Ele vem principalmente para desenvolver a economia circular no bairro do Vergel, trazendo estruturas de microcrédito para empreendedores e auxílios para as famílias do projeto **Favela 3D**.

O Programa Microcrédito Empreendedor, desenvolve sistemas de financiamento para empreendedores locais que desejam iniciar

ou expandir o seu próprio negócio, a partir de uma presença mais **humanizada** com a aplicação de uma **trilha de conhecimento** adaptada ao contexto territorial, além de um acompanhamento direto com feedbacks.

Essas características fazem do Banco Laguna não só uma instituição financeira local, mas também uma **extensão de oportunidades, ensino e acolhimento**.

O banco é responsável pela emissão e regulação da moeda social do Vergel, o Sururote, que foi criada e oficializada através do Banco Central em 2021.

Com ela e outros instrumentos **comentados por aqui**, a economia circular tornou do Vergel um local mais próspero através de tecnologia e a comunidade que aderiu e abraçou.

Sua idealização se deu no ano de 2018, chegando em 2019 com o seu primeiro prêmio, o de **Inovação em Economia Circular**, mas é em 2021 que ele ganha as

formas que carrega até hoje, e foi neste ano também que foi criado o programa mais importante a nível de tecnologia social: a **Ecosururu**.

Lembra que explicamos anteriormente que a tecnologia social se desenvolve em **conjunto com a comunidade** e traz com ela aspectos sustentáveis?

A Ecosururu é um braço do Banco que atua na busca de diminuir o impacto do descarte impróprio da casca do sururu ao mesmo tempo que ajuda socioeconomicamente as marisqueiras.

Sendo o público alvo **mulheres chefes de família**, que em grande parte são mães solteiras que vivem com uma renda média de R\$500,00, o programa funciona de forma simples mas bem efetiva.

Ao fazer a limpeza do sururu, a marisqueira leva as cascas até o Banco Laguna, onde lá será trocado quilos e mais quilos pela moeda social, o Sururote. Com ela em mãos, a chefe de família

poderá comprar itens de mercado, roupa e farmácia, aumentando assim em até **80% a renda familiar** apenas com esse processo de tecnologia social.



em média, cada domicílio possui 3 moradores



**68%** das casas são chefiadas por mulheres



**41%** das famílias possuem crianças de 0 a 6 anos

Diagnóstico Comunitário 2020-2021

Por outro lado, os comércios que aceitam a moeda, que teve uma alta no ano 2021 para o de 2022 de **mais de 300%**, conseguem manter suas prateleiras abastecidas e um caixa sempre recorrente.

Isso é a principal característica de uma tecnologia social casada com a economia circular: **a cadeia que aquece a economia é intermitente.**

A comunidade do Vergel consegue manter suas riquezas e transformar a principal fonte de renda em um **processo mais rentável, proveitoso e sustentável.**

A última pergunta fica: para onde vai

o descarte das cascas do sururu? Para isso, basta entender como é desenvolvido o cobogó. Essa peça de arquitetura é famosa por sua originalidade e uso em projetos diversos (comercial, residencial e industrial), possibilitando maior ventilação e luminosidade no interior do imóvel.



Logo as cascas de sururu repassadas pelas marisqueiras em troca do Sururote passam por um processo de secagem e produção química que resulta no material altamente procurado.

Em 2021 foram mais de 16 toneladas, vindo a passar mais do dobro no ano de 2022, com o incrível número de **43.029 kg** de cascas de sururu.

Esse ciclo aquece a economia do Vergel, com uma dinâmica que liga comerciante, chefe de família e indústria de uma forma sustentável, ao reutilizar e criar um novo significado do marisco e da lagoa para os moradores do bairro.

Esse **desempenho transformador** é graças ao envolvimento da comunidade, um fator extremamente importante para o sucesso de uma moeda social, que participou desde o engatinhar do processo, escolhendo os símbolos que iriam estampar a cédula, até nas trilhas de conhecimento que tornaram o dinamismo da ideia mais vivo.

Essa representatividade da comunidade pode ser entendida melhor em **nosso post**, o qual explicamos os significados das estampas e as ligações por trás.

É importante compreender que fomentar a economia circular através do desenvolvimento de uma tecnologia social só é possível graças à adesão e representatividade da comunidade.

Contribuiu-se efetivamente graças a uma metodologia de forma participativa de trabalho, gerando mais **autenticidade** e **cidadania**.

O Sururote é a tecnologia social por trás de uma solução inovadora que é o banco social, fomentando diretamente a economia circular e garantindo investimentos diretos, desenvolvimento social e **empoderando** os indivíduos do território.

Várias questões em aberto, que causaram consequências diretas a qualidade de vida e desenvolvimento da população mais frágil do Vergel, puderam ser estancadas com fomento ao empreendedorismo, desenvolvimento territorial, educação financeira e o

aquecimento da economia auxiliado por estratégias inteligentes e cíclicas.

Claro que ainda há um caminho vasto pela frente, mas assim como os resultados, que são reais e palpáveis, como o incrível número de R\$21.789,00 circulando em sururotes, se faz nítido o cálculo possível para chegarmos em uma realidade mais próspera.

Todos esses aspectos se unem em uma trajetória sócio-ambiental que reinsignifica um problema que convivia com a população por décadas e mais décadas e que agora, literalmente, muda para melhor a realidade.



Moeda Social Sururote por Marcos da Cruz

# Solução Inovadora, Resultados Inovadores

Acreditamos fielmente que estamos cada dia mais próximos de acabar de uma vez no que conhecemos como pobreza nas favelas de todo o Brasil.

Como dito e mostrado, o Brasil foi fundado e manteve-se em configurações que sabotou e violentou populações não brancas. Ao longo da história, comunidades negras e indígenas não ganharam a atenção necessária para recuperar aquilo que foi tirado nos processos colonialistas e escravagistas.

É necessário ter isso em mente na hora de pensar soluções eficazes, em outras palavras, precisamos usar expertises diversas e levar em conta toda a cultura e experiência da própria população para gerar algo inovador.

Nessa caminhada, gostaríamos de

compartilhar com você, que também está nesta jornada de metamorfose da periferia, o que vem dando certo e fazendo girar o motor da **transformação** aqui no Vergel.

Com a economia circular e o trabalho em conjunto com a comunidade, desenvolvendo uma tecnologia social inovadora, vem gerando resultados promissores. O **impacto** vem dando suporte para mais geração de renda, como é possível ver através das dezenas de empreendedores qualificados junto com os R\$ 44.500,00 concedidos, e uma rede de 20 comércios prontos para receber usuários de Sururote.

A riqueza se mantém no território e ajuda a desenvolver novas oportunidades, principalmente ao aumentar a renda por família em até R\$ 450,00, que consomem e utilizam recursos do próprio território.

E ao fazer isso e oferecer trilhas e capacitações de empreendedorismo, ocasiona não só uma melhora quantitativa mas também qualitativa, ou seja, mais empreendedores com habilidades aprimoradas nascendo e vivendo no Vergel do Lago.

Além disso, o processo cíclico do Sururu ganhou uma **nova etapa** e trouxe mais **valor social e monetário** para um dos maiores patrimônios do Estado de Alagoas.

Essa linha de sustentabilidade enriquece o território e o reconfigura para um futuro com tecnologia e inovação social.

A moeda social e o banco social se mostraram **soluções inovadoras** para a luta contra a pobreza nas favelas, de forma replicável, efetiva e participativa.

# Conheça mais sobre o Banco Laguna

@bancolaguna

@mandauerorg

mandauer.org.br

